

Carta de São Paulo Online - Nº 9

Qua, 23 de Novembro de 2011 13:57



Editorial

O polvo sai do mar...

Será que foi pescado? Alguma rede, talvez na Espanha?

Mas, vejam, não! Ele estira os tentáculos, está livre.

Torna a retraí-los, está livre.

Esse movimento o faz caminhar lentamente na areia.

Estira, retrai, estira, retrai, estira, retrai. Tentáculos.

Deixa uns traços, um desenho, parecido com um novelo.

Em poucos dias ele será esquecido.

Deixará, porém, o traço enovelado na areia.

De logotipo das Jornadas 2011 da EBP-SP a rabiscos na areia.

Na areia? Em São Paulo?

Sim, lá no Parque Trianon, perto do Transamérica. Lá tem areia.

E ainda tem a poeira da construção vizinha,

E a poluição da Avenida Paulista.

O polvo marca a paisagem paulistana e cai n'água.

Polvo, pó, útero, gozo feminino.

Muita gente falando disso...

Muita gente escutando Graciela Brodsky, Elisa Alvarenga, Jorge Forbes,

Angelina Harari, Ana Lydia Santiago, Sérgio de Campos

e os 27 trabalhos das simultâneas.

Muita gente na festa, dançando, bailando, cantando.

Estamos a poucos dias do início das Jornadas.

Sejam todos muito bem vindos!

Maria do Carmo Dias Batista

Seminário da Diretoria da EBP-SP

No Seminário de quarta-feira dia 9/11/2011, a aula 11 do Curso de Jacques-Alain Miller *O Ser e o UM*, foi apresentada por Marizilda Paulino, com coordenação de Luiz Fernando Carrijo da Cunha.

Seminário do Conselho da EBP-SP

O Conselho da EBP-SP apresenta neste semestre o *Seminário 11* de Jacques Lacan *Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise*. Sandra Arruda Grossein no dia 16/11/2011 apresentou o capítulo "Alienação e Separação", com a coordenação de Heloísa Prado da Silva Telles.

Cartéis e Intercâmbios

Carta de São Paulo

A Carta de São Paulo, setembro-outubro de 2011, estará à disposição para aquisição na Livraria das Jornadas nos dias 25 e 26 de novembro.

A Carta impressa está imperdível: além da entrevista com Leonardo Gorostiza, publica na seção "Ensino" um texto de Jorge Forbes (*Já que Lacan morreu...*) e um de Jésus Santiago (*Psicanálise e laço social: interferência do paradigma clínico do sonho no tratamento do sintoma*).



Na "Homenagem a Jacques Lacan", analistas foram convidados a responder "Como Jacques Lacan entrou em sua vida?" e... muito mais. Parabéns para a editora da "Carta de São Paulo" Maria Margareth Ferraz de Oliveira.

Biblioteca



Mídias

A Comissão de Biblioteca da EBP-SP está traduzindo textos do Colofon os quais, à medida que passarem por revisão serão publicados na CSP-ONLINE. No Editorial de Colofon 30 *Feminidades*, "A Diversas voces" - assinado por Judith Miller, Adriana Testa, Jesús Ambel - lemos que o plural "Feminilidades" é inevitável, pois "trata-se da questão do sexo sempre Outro que faz com que, estruturalmente, não haja homossexualidade possível para uma mulher" e cabe aos psicanalistas "...ocupar o lugar que lhes corresponde nos debates da cidade", valorizando "...a singularidade do ser falante que escolhe" colocar-se "... do lado feminino da diferença dos sexos." Entre os textos que privilegiam o feminino, temos *O Riso de Helena* de Gisèle Ringuelet, Helena *o modelo de todas as mulheres*, cuja tradução vem em seguida.

O Riso de Helena



Sabemos que Freud era leitor principalmente de Goethe, mas também de Nietzsche. Partindo da ideia de que ambos os escritores traziam a Freud um saber que se articulava à sua própria busca e interrogações, interessa-me considerar um sintagma que Freud não desconhecia e que ambos os autores utilizaram: Helena *o modelo de todas as mulheres*. O propósito é tentar cernir o uso que cada um dos três escritores formulou sobre o mesmo.

No livro de Goethe, o personagem principal descrê de todo o saber constituído. E é, com uma posição pessimista frente ao mundo, que vê em um espelho, *como envolta em neblina, a mais formosa miragem de mulher!*

Mas é Mefistófeles, o diabo, quem – depois do pacto que faz com Fausto – diz: *com essa bebida no corpo, presto, verás uma Helena em cada mulher.*

Na primeira parte do livro, o amor de Fausto fixa-se na personagem de Margarida, e a tragédia se desenrola produzindo em seu decorrer diversos valores que a nomeiam (de bela mulher a prostituta). Pouco instruída e *criatura muito inocente* precipita o desejo de Fausto que, dirigindo-se a Mefistófeles de modo imperativo, diz: *... se esta doce jovem não repousar hoje em meus braços, quando chegar a meia-noite, tudo fica desfeito entre nós.*

Podemos afirmar, como o faz Germán García (sobre a distinção amor/sexualidade), que um homem ou uma mulher que ama relaciona-se com o amor, e o sexo de uma pessoa a põe em relação com o sexual. Então, Fausto se dirige ao amor, mas *o que há de Helena em Margarida?*

Será Lacan a estabelecer uma lógica da vida amorosa ao ler Freud e desmistificar a pergunta formulada por este sobre o querer da mulher. O objeto *a* converte-se, para Lacan, na causa do desejo e do amor, sendo este objeto o que o substitui o - ϕ que Margarida encarna, o véu que mascara a própria falta.

Nietzsche em seu livro *O Nascimento da Tragédia*, coloca um novo pensamento trágico que comporta a existência de duas tendências opostas: o apolíneo e o dionisíaco. Nesta obra, embora o autor se remeta à cultura grega, articula em sua escritura uma visão particular de mundo, que se opõe a um pensamento religioso (moral que relega a *mentira*) e cientificista (medo ao pessimismo).

Nietzsche escreve, referindo-se aos gregos, que estes se chocavam a cada vez que olhavam, com o riso de Helena, imagem etérea e sensual de uma existência ideal. *O riso de Helena* é visto por homens que sabem gozar da vida, espetáculo que deixa sem palavras a sua testemunha-espectador. Para Nietzsche o riso não tenta contra-argumentar, mas propõe-se a parodiar e dessacralizar.

Lacan no Seminário V *As Formações do Inconsciente* [2], ao falar do riso, diz que "se trata sempre de uma liberação da imagem e que a gargalhada concerne a tudo o que é imitação, dublagem, sósia, máscara, e se o observamos atentamente, não se trata só da máscara, mas do desmascaramento...".

Os homens que Nietzsche menciona aparecem como homens privilegiados que, diferente da maioria dos ocidentais, desacreditam de raciocínios religiosos, de princípios universais e sabem algo dos semblantes que governam a sociedade. Mas é justamente o riso de Helena, modelo de mulher o que desmascara, o que libera de uma imagem na qual muitas pessoas ficam aprisionadas.

Se nos remetermos à mítica *Helena de Troia*, esta mulher que, pela sedução e beleza, causa uma guerra, encontramos em um contexto onde – diferente das atuais guerras anônimas – quem luta conhece seu adversário, conhece seus nomes. Na antiguidade, como o indica Jacques-Alain Miller [3], a lógica do "para todos" não estava constituída, porque

havia senhores e escravos e a moralidade era uma moralidade dirigida pelos senhores e para eles próprios, e não para os escravos. Mas Helena atravessa os tempos e inscreve-se na sociedade dos fins do século XVIII (Goethe) e XIX (Nietzsche), para ser mencionada logo depois por Freud no começo do século XX, época na qual a ciência moderna impõe o "para todos".

A citação de Freud, "[ver Helena em cada mulher](#)", intervém, como indica Bárbara Cassin [4] em uma carta de Freud a Jung, datada de abril de 1909. Helena é o nome que indica para Freud, o trabalho de interpretação de seu próprio inconsciente. O inquietante (real) para o mestre vienense causa a produção de um delírio singular que leva o nome de mulher. Método que se opõe à hipótese de causalidade eficiente que Jung estabelece entre ocultismo e Psicanálise.

Então, por que esses três autores que atravessam conhecimentos instituídos, em sua busca por desvelar zonas desconhecidas, nomeiam como Helena, o nome de cada mulher?

Goethe

Na primeira parte do livro, Goethe fala do amor de Fausto por Margarida, amor que é substituído na segunda parte, por Helena. Ambas funcionam como semblantes que velam um nada. Mas é na segunda parte, que se coloca em evidência que o que existe são os objetos *agalmáticos* e o discurso, o dizer (até mesmo sem falar). Uma [presença na ausência](#) que se opõe a uma existência tangível, a uma essência.

Averiguamos, como nos indica Letícia Garcia [5], que no amor está em jogo o não-saber: o amante não sabe o que lhe falta e o amado não sabe o que tem. O amante é o que, carecendo de algo, pode desejar um objeto precioso, o *agalma*.

O desconhecimento de Fausto opõe-se ao saber de Mefistófeles sobre as palavras. O diabo, denominado pelo próprio Fausto como *um sofista*, provoca e ironiza o personagem enamorado, que busca numa mulher algo inapreensível.

O paradoxo de Zenon de Eleiaa, utilizado por Lacan no Seminário 20, demonstra que Aquiles pode ultrapassar a tartaruga, mas não alcançá-la, ela é *não-toda sua*.

Quer dizer, não alcançamos o Outro – [não há Outro gozo a não ser no infinito](#) [7], de maneira que o espaço entre os sexos requer certas invenções do amor, para fazer possível a complementaridade entre os sexos.

Nietzsche

Seguindo uma lógica similar, Nietzsche fala do riso de Helena como um signo que desprestigia o discurso totalizante, mas que, no entanto, é efeito da articulação significativa e como tal provoca o desejo e um saber sobre o gozo. E ao incluir o apolíneo e o dionisíaco como "tendência para..." a possibilidade de criar (algo novo) introduz os paradoxos como constitutivos de todo ser que fala. Falando em outros termos, este autor sabe algo sobre o [paradoxo do mentiroso](#) que Lacan utiliza no Seminário 23 *O Sinthoma*, quando se pergunta: *O que pode haver de mais verdadeiro do que a enunciação 'eu minto'?* E continuando, interroga-se: *Quem não sabe que, ao dizer 'eu não minto' não se está em absoluto a salvo de sustentar algo falso?* Eu é para Lacan, um significante no qual se evidencia o semblante constitutivo de todo discurso.

Freud

Coloca, por seu lado, um inconsciente até então desconhecido, um inconsciente *variável*, que é inseparável da noção de transferência (sujeito suposto saber). Já não se trata de um princípio religioso, nem de uma chave universal. Senão que, como coloca Lacan, é um saber ligado ao objeto causa, um saber ligado ao desejo, ao objeto perdido de Freud. O [delírio de interpretação](#), tal como o denomina Freud, implica a novidade pela qual um significante articulado com outros (s) faz surgir uma significação até o momento não sabida. Para Freud, a ideia de modelo está inscrita em um modo de funcionamento (pulsional); mas é só no momento em que (como Freud mesmo se localizou) o sujeito se pergunta sobre a causa de si, que aparece o desejo (sua divisão). Surge, como indica Miller [8], um semblante, um semblante operativo, cujo saber se marca no ato mesmo, mas não se consegue capturar, apreender, como acontece com um conhecimento universitário. Ele [escapa como uma mulher](#), à qual é impossível alcançar em sua totalidade. Podemos concluir, que tanto para Goethe quanto para Nietzsche, uma bebida mágica funciona como *pharmakon* – [remédio/veneno](#) [9], e por consequência, modifica aos que falam e aos que calam. Quer dizer, ambos incursionam sobre como opera a linguagem, como a linguagem pode transformar ao outro e a si próprio [10] e não apenas comunicar ou informar, demonstrando, como posteriormente o explicita Lacan, que o ser é efeito do dizer. [Helena opera como metáfora de todo objeto cobiçado](#) que precipita para a guerra e para o amor. Mas também – como os três autores o indicam – Helena nomeia o objeto de desejo, o gozo falido, e é por isso mesmo que causa àqueles que a percebem, que a escutam, ainda em sua ausência.

***Publicado com a amável autorização da autora.**

*Investigação iniciada no módulo do Centro Descartes: "Sofisticuería, entre sofisma e sofisticación", cuja responsável é Graciela Musachi.

Revisão: Marcela Antelo. Tradução: Maria Bernadette Soares de Sant'AnaPitteri

Bibliografía: Colofón N° 30, Boletín de la Federación Internacional de Bibliotecas de la Orientación lacaniana, Noviembre 2010, Edición España-Argentina (p. 10-12)

[1]García, Germán. Em torno de las Identificaciones, chave para la clínica. Otium Ediciones 2.009. Tucumán, Argentina pag.21.

[2] Lacan, Jacques Seminário V – Las formaciones del Inconciente (1967-1958) Paidós. Bs As. Argentina Págs. 256-257.

[3] Miller, Jacques-Alain. "Uma charla sobre el amor" (1988) in Conferencias portenhas. Bs. As. Argentina Págs. 256-257.

[4] Cassin, Bárbara "L'inconscient, qui voit Hélène em toute femme" em Voir Hélène em toute femme. Collection: Les empecheurs de penser em sond. Paris.

[5] García, Letícia. "Causa y Agalma" em las revista Las paradojas del objeto em psiconálisis. Edulp. Año 2007. La Plata-Argentina.

[6] Musachi, Graciela "Una mujeres um aglomerado de albuminóides", em revista de psicoanálisis, Dispar 2010. Editorial Três Haches, Bs.As, Argentina.

[7] Acuña, Enrique. "H, soledad Del sintoma". Resonancia y silencio. Edulp. Año 2009. La Plata-Argentina.

[8] Miller, "De mujeres y semblante". Cuadernos Del pasador. Año 1993. BsAs. Argentina, p.16.

[9] Testa, Adriana. "Como fue posible que la adiccion diera com la droga?" in revista Conceptual N7. Publicación de la APLP. Año 2006. La Plata-Argentina.

[10] Nota 10: Cassin, Bárbara "Lacan y lasofistia: Aun, aun Helena", El efecto sofistico. Fondo de Cultura Económica. Año 2008. Bs.As. Argentina.

Publicações do Campo Freudiano

Scilicet – A Ordem simbólica não é mais o que era – quais as consequências para o tratamento? Preparando o VIII Congresso da AMP a edição em português é uma publicação do Campo Freudiano organizada por Angelina Harari e Vera Avellar Ribeiro, editada pela Scriptum/EBP. Pode-se adquirir Scilicet na Livraria das Jornadas da EBP-SP nos dias 25 e 26 de novembro, ou pedir diretamente aos distribuidores: E-mails: editora@scriptum.com.br / scriptum@scriptum.com.br Facebook: [Livraria e Editora Scriptum](#) e [Livraria Scriptum](#)

Opção Lacaniana 60 – setembro de 2011 também poderá ser adquirida na Livraria das Jornadas EBP-SP, além de alguns números anteriores.

Correio 69 – setembro de 2011. Revista da Escola Brasileira de Psicanálise, poderá ser adquirida na Livraria das Jornadas: temos ainda alguns números anteriores que estarão à disposição.

Opção Lacaniana online – nova série – Ano II – novembro de 2011 – nº 6 acaba de ser publicada e pode ser acessada pelo site: <http://www.opcaolacaniana.com.br/>

Os números 5 e 6 trazem o texto *Intuições Milanesas I e II* de Jacques-Alain Miller, que demonstra como as modificações de nossa clínica na época da globalização se relacionam com a máquina do não-todo.

Ecos do Mundo



Congresso da AMP

Todos a caminho de Buenos Aires, para o Congresso da AMP em abril de 2012.

Lacan Cotidiano

Rafah está livre!

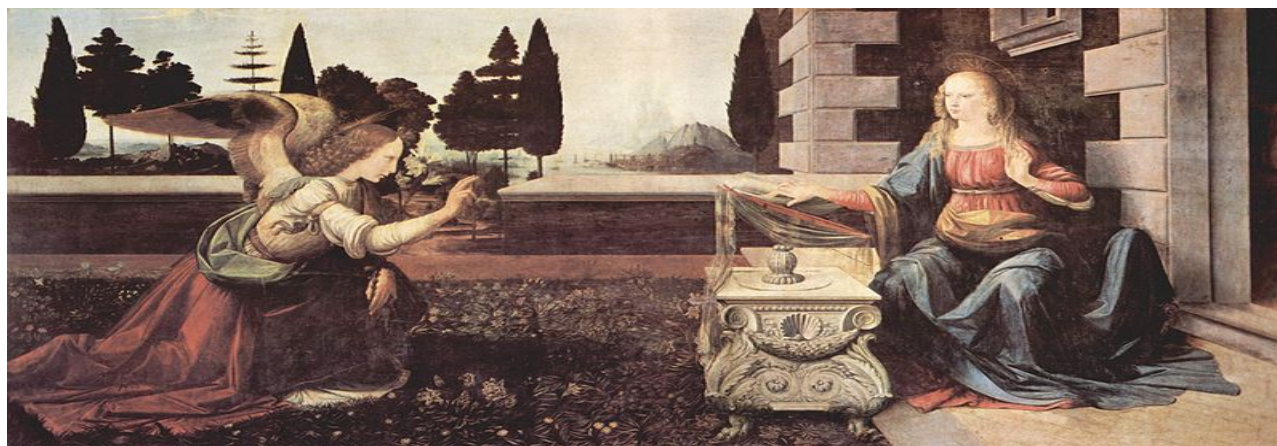
Os psicanalistas ao redor do mundo respiram aliviados. "Lacan Cotidiano" noticiou no dia 16 de novembro às 21h50 (hora de Paris), que Rafah Nached fora libertada às 20h00 em Damasco. Ela voltou para casa com o marido, falou rapidamente com os filhos e aparenta boa saúde, de acordo com um de seus filhos. No entanto, não está totalmente livre, pois o encerramento de seu *dossiê* depende ainda de procedimentos burocráticos. Site de LACAN QUOTIDIEN : <http://www.lacanquotidien.fr/blog/>

Terra de Santa Cruz



Maria Noemi de Araújo, intrigada com o verso de **Chico Buarque** "amar uma mulher sem orifício" da música *Querido Diário*, que surpreendeu desde comentaristas das revistas "Veja" e "Piauí" até blogs diversos, pergunta "como articular esse debate com a noção de gozo feminino?".

Sérgio de Campos, Cíntia Busato e Patrícia Badari dispuseram-se a responder.



Sérgio de Campos

Chico Buarque é quase uma unanimidade nacional. Digo "quase", pois, segundo Nelson Rodrigues "toda unanimidade é burra". **Chico** é autor de inúmeras obras primas, endereçadas a todos os tipos de mulheres: as que amam e as que são abandonadas, as vadias e as constantes, as submissas e as fálicas, as traídas e as que traem, as valentes e as que se vingam. É de perder a conta, enumerá-las. Contudo, parece que faltava uma: "a mulher sem orifícios".

Em seu último lançamento, **Chico** com sua música "Querido diário" se viu mais uma vez no centro da polêmica ao incluir em sua letra o verso "amar uma mulher sem orifícios". **Chico** é um compositor genial e complexo e ao analisar sua letra de chofre corre-se o risco de cairmos numa espécie de hermenêutica ingênua que causaria risos ao próprio letrista.

Certa vez tive a oportunidade de assistir a Gilberto Gil se referir à letra da música **Cálice** que compôs em parceria com Chico. Ele dizia que "o monstro da lagoa" a que todos na época aludiam ao "monstro da ditadura" era, na realidade, fruto da imaginação de **Chico**, depois de umas e outras biritas, de um suposto monstro do lago Ness emergindo na lagoa Rodrigo de Freitas, em frente ao seu apartamento de cobertura. Assim, não devemos ir muito depressa com o sentido, tampouco com a interpretação de alguns filmes, livros, letras de músicas e, particularmente, nas análises.

Estaria **Chico**, nessa música, fazendo alusão à Virgem Maria, **mulher sem orifícios da qual nasceu o cordeiro de Deus a ser sacrificado?** Seria preciso escutá-lo para sabermos. Considero que apenas **a idealização à mulher, o amor divino e o amor cortês** se prestam à função de "amar uma mulher sem orifícios". O que seria amar uma mulher sem orifícios? A meu ver, por mais paradoxo que seja, **seria um amor sem a pulsão** destinado a fazer a relação sexual existir, porque "amar uma mulher sem orifícios" é amar uma mulher que não fala.

Freud já nos advertiu que o casamento fiel, feliz e harmonioso é aquele que o ébrio realiza com sua garrafa, pois afinal a garrafa não fala. Com efeito, a linguagem é a raiz de todos os equívocos e os mal estares que ocasionam o

desencontro entre os sexos. Portanto, o desafio do amor está em ser capaz de constituir a suplência da inexistência da relação sexual. Não podemos nos queixar de **Chico**, visto que na tarefa de amar com a pulsão e o desejo uma mulher como não toda que fala pelos seus orifícios, ele em sua modéstia - como uma vez se designou "**o desconhecedor das mulheres**" - já nos ensinou por demais.



Cíntia Busato

A letra como um todo me parece muito psicanalítica. Em seu íntimo, o sujeito de "**Querido diário**" fala de sua solidão e de sua aspiração a ultrapassá-la no sublime, na religião, em algum ritual (sacrifício de ovelha), na adoração de uma imagem ou no amor por uma mulher assexuada. Enfim, o sujeito aborda o banimento da falta do mundo para que, assim, possa banir o furo de seu peito.

Entre o horror e o sublime, tensionado nesse lugar, **Chico conhece o amor como uma trama obscura**. Ele trata daquele amor que nós, psicanalistas, falamos: de uma trama obscura em que desejo e gozo se espreitam.

Como homem moderno que é o sujeito da música do **Chico não quebra porque é macio** e pode conviver com sua própria divisão. Sobre o **gozo feminino**? Quando esse gozo não está circundado pelo furo é pura devastação. De um lado, **há a mulher sem orifício dos românticos, mulher impossível e assexuada**; de outro, **há a mulher orifício, puro dejetivo, a prostituta**.

Parece-me que **Chico** fala, como a psicanálise, da construção de um elo entre ambas, o que acontece exatamente pelo furo que começa no peito e daí suporta o impossível feminino, podendo viver – não o amor romântico, o que tentaria "tapar" o furo de forma consistente –, mas aquele de que **Lacan** fala: "Amar é dar o que não se tem". Este só faz um "veuzinho" no furo, porque já está avisado da importância tanto do semblante quanto do furo.



Patricia Badari

"... **Uma trama obscura**". A anatomia não é o destino. Para o ser humano, ter um corpo sexuado excede sua materialidade orgânica. Logo, ter ou não ter "orifícios" pode, quando muito, sustentar um sujeito identificado ao ideal do sexo feminino, por exemplo. No entanto, quando o corpo é tocado pelo gozo pulsional esta certeza corporal vacila e tudo pode se desarranjar.

Por isso **Lacan** aconselha, sobretudo aos homens, que ao evocarem a ausência de pênis na mulher que o façam, fazendo-a usar o postiço, o artifício que uma mulher constitui para colocar-se em referência à ordem simbólica e temperar seu gozo. E este postiço, quando é o caso de ser

tocado que o seja com muito cuidado, caso contrário podem encontrar **A mulher**, tal qual em um dado momento **Jasão** encontrou em sua esposa **Medeia**. Assim, do ponto de vista do primeiro ensino de **Lacan** e com **Freud** podemos distinguir e fazer uma repartição na lógica da sexuação masculina e feminina.

Há o gozo masculino de um lado, o gozo próprio do sujeito "macho" e um gozo feminino do outro, próprio da mulher e, com isto, verificarmos como essa disparidade se tece nas parcerias amorosas. No entanto, ao seguirmos o último ensino de **Lacan** e o que **Miller** vem trabalhando em seus seminários, e, em especial, em seu seminário inédito "**A obra de Lacan**", vamos mais além desta primeira repartição da lógica da sexuação e podemos falar que há, de um lado, o gozo edípico (gozo circunscrito tanto pelos homens, quanto pelas mulheres a partir das coordenadas edípicas: interdição e permissão) e de outro lado **o gozo feminino**, o gozo como tal – **além do Édipo**, um gozo não simbolizável, indizível e como consequência: um impasse para todo ser falante, homem ou mulher.

Quando nosso caro compositor e músico **Chico Buarque** escreve sua canção "**Querido diário**" em seu fresquíssimo CD **Chico**, mais uma vez nos coloca a pensar, pela via poética e da "**obscura trama**" do amor, como abordar este impossível estrutural e inerente ao humano? Como fazer existir a relação sexual que não há entre um homem e uma mulher? Como bem dizer ou cantar isso que escapa à Lei significante, que escapa à dialética edípica? Como recuperar a alteridade da mulher? Alguns recorrem aos amores platônicos, amor cortês. Amores românticos, instantâneos. Amores lúbricos, infernais. Cartas de amor... Alguns recorrem ao amor, um encontro contingente que só se realiza por uma espécie de composição poética que singulariza cada relação amorosa e a torna única.

Se **Freud** e **Lacan** aprenderam com as mulheres que há algo que não passa pela castração – e aí está **o enigma do gozo feminino e um osso, não só para as ditas mulheres, mas também para os homens**. Se "a mulher é Outra tanto para o homem quanto para si mesma", ao nosso querido **Chico Buarque** isto parece não ser indiferente!

Referências:

Trecho da música de BUARQUE C. "Querido diário", Chico. CD.

Lacan Jacques. "Subversão do sujeito e a dialética do desejo". Escritos. Jorge Zahar, 1998, p. 840).

Links para ouvir "Querido Diário" de Chico Buarque de Holanda

1 - http://www.youtube.com/watch?v=9IfFq_461tY

2 - <http://www.kboing.com.br/chico-buarque/1-1083870/>

E Chico volta aos palcos: São Paulo o espera. Por enquanto temos João (temos?) que promete para 18 de dezembro.

Teatro Grego na cidade.

Hécuba de Eurípedes, tragédia encenada por Gabriel Villela, tem como protagonista Walderez de Barros. Estreia no Teatro Vivo, Avenida Churci Zaidan, 860, Morumbi. Fones: 40031212.

Eurípedes (485 a.C. /406 a.C) escreveu 74 peças (alguns lhe atribuem 92), 67 tragédias e 7 dramas satíricos. Herdamos 19 destas incluindo **Hécuba**, peça baseada num dos episódios do "Ciclo Troiano". Depois da queda de Troia, conquistada e arrasada pelos gregos, as troianas foram entregues aos vencedores como escravas, troféus de sua vitória, e entre elas **Hécuba**, rainha de Troia e mulher de Príamo.

Aristóteles na **Poética** diz que Eurípedes é "o mais trágico dos trágicos", fama granjeada em parte por **Hécuba**, aquela que foi chamada por Gilbert Norwood (*Greek Tragedy*, Londres: 1948) de **Mater Dolorosa** pagã.

Caverna dos Sonhos Esquecidos



Cave of Forgotten Dreams. O diretor alemão **Werner Herzog**, incursionando pelo documentário histórico, realizou um filme em 3D na **Caverna de Chauvet**, no sul da França, onde foram descobertas as mais antigas pinturas rupestres do mundo.

Herzog revela um mundo subterrâneo de tirar o fôlego, com obras de arte com 32 mil anos de idade, pinturas pré-históricas que causam espanto e maravilha. A gruta que teve a entrada vedada por um terremoto foi descoberta em 1994, sendo logo proibida aos comuns mortais, aberta apenas a grupos seletos de pesquisadores e cientistas.

Herzog conseguiu uma façanha ao franquear ao público – pelo menos num filme em 3D – o espaço sagrado reservado apenas aos cientistas.

Link - <http://www.youtube.com/watch?v=XtyuGNaaLzw> e

Jornadas da EBP-SP



Jornadas da EBP-SP- 2011

PROGRAMAÇÃO

"O gozo feminino no século XXI"

Sexta-feira - 25/11

14:00 às 15:30 - Credenciamento

15:30 às 16:00 - Abertura

Luiz Fernando Carrijo da Cunha

16:00 às 17:30 - " A globalização é feminina" - Jorge Forbes

Coordenação - Rômulo Ferreira da Silva

17:30 às 19:00 - "As meninas superpoderosas" e a aspiração ao feminino - Rumo ao VIII Congresso AMP

Elisa Alvarenga

Debatedora: Angelina Harari

Coordenação: Marizilda Paulino

19:00 às 21:00 - Seminário Internacional I - "Odore di femina"

Graciela Brodsky

Coordenação: Cássia Maria R. Guardado

Sábado - 26/11

9:00 às 10:15 - Mesas Simultâneas - Salas A, B, C

10:15 às 11:30 - Mesas Simultâneas - Salas A, B, C

11:30 às 12:45 - Mesas Simultâneas - salas A, B, C

12:45 às 14:30 - Almoço

14:30 às 16:30 - Seminário Internacional II "Odore di femina"

Graciela Brodsky

Coordenação: Luiz Fernando Carrijo da Cunha

16:30 às 17:00 - Coffee break

17:00 às 19:00 - Mesa do Passe

Ana Lydia Santiago

Angelina Harari

Sergio de Campos

Comentários: Graciela Brodsky

Coordenação: Sandra A. Grostein

19:00 às 19:30 - Encerramento - Maria do Carmo Dias Batista



Editora: Bernadette Pitteri **Revisora:** Daniela Affonso **Montagem:** Maria Marta Rodrigues Ferreira

Diretoria da EBP-SP

Diretor Geral: Luiz Fernando Carrijo da Cunha

Diretora Secretária-Tesoureira: Maria do Carmo Dias Batista

Diretora de Intercâmbio e Cartéis: Maria Margareth Ferraz de Oliveira

Diretora de Biblioteca: Maria Bernadette Soares de Sant'Ana Pitteri

EBP-SP

Rua João Moura, 627 cj. 193
CEP 05412-001 - São Paulo - SP

Telefone: 11 3081 8947

Fax: 11 3063 1626

e-mail: ebpsp@ebpsp.org.br

www.ebpsp.org.br

Blog: <http://www.ebp-sp.blogspot.com/>



>

Recomendar Seja o primeiro de seus amigos a recomendar isso.